

INFÂNCIA CAMPESINA: ESPAÇOS DO COTIDIANO VIVENCIADO NO RECREIO

JERUZA DA ROSA DA ROCHA*
CARMO THUM**

RESUMO

O objetivo do trabalho é compreender o cotidiano das crianças vivenciado no entorno da escola, buscando reconhecer suas infâncias através dos espaços que ocupam no período do recreio. Este trabalho foi realizado com crianças do 4^a ano de uma escola no interior de Canguçu/RS. Trata-se de uma pesquisa embasada em uma abordagem inspirada no campo de estudos da etnografia, tendo como método a análise interpretativa, a qual permitiu a realização de observações, conversas e de caminhadas com as crianças. Nesse sentido, investigar de forma colaborativa com as crianças os espaços que transitam e ocupam no espaço do recreio retratou, a sua presença como atores sociais que agem, recriam e transformam o cotidiano em que estão inseridos.

Palavras-chave: Crianças. Cotidiano. Escola.

RESUMEN

El objetivo es comprender la vida cotidiana de los niños vivían en las proximidades de la escuela, tratando de reconocer su infancia a través de los espacios que ocupan en el período de receso. Este trabajo se llevó a los niños cuarto año de una escuela dentro Canguçu/RS. Se trata de una investigación informado en un enfoque inspirado en los estudios de campo etnográfico, con el método del análisis interpretativo, lo que permitió observaciones, conversaciones y paseos con los niños. En este sentido, investigar en colaboración con los niños que pasan los espacios y ocupar el espacio de recreo retratado, su presencia como actores sociales que representen un papel, recrean y transforman la vida diaria en la que viven.

Palabras clave: Los niños. Diario. Escuela.

* Núcleo de Educação e Memória. Instituto de Educação FURG – Pesquisadora colaboradora.

** Núcleo de Educação e Memória. Instituto de Educação FURG

INTRODUÇÃO

Ao se dirigir sobre a problematização do cotidiano das infâncias presentes no contexto da escola aliado à vida no campo, a memória e o pertencimento, alguns estudiosos no campo dos Estudos da Criança e da Sociologia da Infância como Manuel Jacinto SARMENTO (2004) e William CORSARO (2011) afirmam a potencialidade de repensarmos pesquisas que sinalizem as crianças como atores sociais ativos e transformadores do cotidiano em que estão inseridas. Trata-se de investigar sobre a cultura local, os modos de vida no mundo rural e a memória, compreendendo como uma via de mão dupla, pois, se por um lado acontece a formação de professores das escolas envolvidas, bem como a produção de materiais educativos; por outro, acontece a interação com as pessoas das comunidades rurais do entorno das escolas envolvidas e o processo de interpretação desse cotidiano pelas crianças (WEIDSUCHADT & THIES & THUM, 2012).

Tal cotidiano campesino constitui-se pela relação do homem com o meio onde os processos sociais e culturais são demarcados pela vida do campo e pela cultura pomerana, os quais demarcam e instigam questões que envolvem os sujeitos que ali vivem. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi aproximar-se do cotidiano das crianças vivenciado no entorno da escola, buscando reconhecer suas infâncias por meio dos espaços que ocupam no período do recreio. Referida investigação realizou-se com treze crianças na faixa etária entre nove e dez anos, do 4^o ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Soares da Silveira, em Serra dos Tapes, Canguçu/RS. Esse espaço se configurou com a criação de “casinhas” pelas próprias crianças, o que foi identificado por intermédio de registros fotográficos, observações e conversas com as mesmas.

O amparo teórico-metodológico está permeado pelos Estudos da Infância e da Sociologia da Infância, que compreendem as crianças como sujeitos sociais que agem, transformam e reinterpretam o contexto em que vivem. O campo de estudos da Sociologia da Infância distancia as crianças de uma concepção de infância ingênua e incapaz, a qual necessita “formar-se” para o mundo social adulto (CORSARO, 2011). Optou-se por pesquisar com a colaboração e coautoria das crianças, pois entende a potência das mesmas em (re)construir, (re)produzir e (re)interpretar significados e saberes do mundo que os cerca. Trata-se de uma

pesquisa de cunho qualitativo; metodologicamente embasada em uma abordagem inspirada no campo de estudos da etnografia, tendo como método a análise interpretativa, permitindo a realização de fotografias, observações, conversas e caminhadas com as crianças nos espaços da escola (principalmente nos espaços criados e reinventados no período do recreio).

O amparo metodológico permitiu a coleta de dados no campo empírico de maneira flexível, ou seja, os dados eram constantemente revisitados, oportunizando, assim, uma melhor compreensão e aprofundamento da investigação. Sinalizou-se a criação de espaços de brincadeiras pelas crianças, a construção de “casinhas”, como uma brincadeira que anunciou a reinterpretação das crianças; como reinvenção e recriação de seus próprios cotidianos, e não como forma de imitação de suas vivências e experiências. Essa reinterpretação de suas próprias casas permite apontar elementos potentes para pensar a infância na escola no período do recreio, retratando o mundo do trabalho, seus hábitos e costumes.

Sinalizar esses espaços construídos e reinventados pelas crianças no período do recreio também permitiu compreendê-las como atores sociais ativos e participativos, os quais são produzidos pela cultura e, ao mesmo tempo, produtores de cultura. Estar com as crianças, conversar e interagir com o grupo, compreender o que pensam, o que fazem e suas ações nesses espaços de cotidianidade, permitiu compreendê-las como colaboradoras e coautoras do processo investigativo; de maneira que contribuíram em todas as instâncias da pesquisa: desde a organização e o desenvolvimento até os processos da finalização investigativa. O recreio se configura como um momento de brincadeira, de partilha entre as crianças, de invenção e recriação de saberes; segundo o autor:

(...) é um dos raros momentos em que as crianças estão livres, onde se encontram, aprendem e produzem a sua cultura lúdica. E por isso é tão aguardado pelas crianças e, motivo de tristeza, quando cancelado. No entanto, os adultos não apresentam muito interesse, ficando distantes, num outro espaço, conhecendo pouco sobre o recreio, principalmente, sobre como as crianças se organizam e como agem neste curto espaço de tempo (WÜRDIG, 2010, p. 01).

Dessa forma, o recreio trouxe para este estudo a possibilidade de pensar a cultura que as crianças produzem em um espaço de tempo tão curto, com brincadeiras reinterpretadas de

seus cotidianos, seus costumes e sua cultura pomerana. As observações realizadas com as crianças trouxeram inquietações quanto à possibilidade de então desenvolver um olhar mais acurado em relação ao cotidiano que vivenciam, os espaços que ocupam e transitam, e, inclusive, os saberes que possuem. Sendo assim, realizou-se o convite para a turma do quarto ano, para uma possível participação de todas as crianças em uma pesquisa que investigaria os espaços de brincadeiras na escola. A resposta foi positiva e conversou-se sobre os processos de investigação e autoria da mesma como algo em conjunto, seria de forma coletiva, isto é, a participação não seria restrita a respostas ou opiniões. A proposta de pesquisa estava pautada em uma coautoria entre os sujeitos, na qual o diálogo e o debate de ideias seriam a base do processo, envolvendo, desde o espaço que se ocuparia para realizar a Roda de Diálogo, até como seriam referenciados na pesquisa.

Investigar, colaborativamente com as crianças, os espaços que transitam e ocupam no período do recreio retrataram, por meio dos dados, a presença das crianças como atores sociais que agem, recriam e transformam o cotidiano em que estão inseridos. Nessa direção, a intenção de aproximação das crianças e de suas experiências e vivências foi de reconhecer e compreender os espaços das infâncias na escola Carlos Soares da Silveira. Buscou-se dialogar com o campo teórico-metodológico, o qual permite e embasa esta investigação de forma que compreenda as culturas infantis, a reinterpretação dos tempos-espaços da escola e a (re)produção de cultura das crianças no contexto campesino. A seguir, apresentar-se-á a metodologia que embasa este estudo e as ferramentas utilizadas para coletar e analisar os dados.

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa que se constituiu a partir de observações, conversas, caminhadas, Rodas de Diálogo e fotografias com as crianças; contando também com o diário de campo como instrumento de registro e reflexão. Metodologicamente, ampara-se por uma inspiração no campo de estudos da etnografia e da pesquisa com crianças, referenciada pela obra de Graue & Walsh (2003), que permitiu compreender que, para além da rigorosidade na coleta de dados, é necessária a flexibilidade de revisar e aprofundar outros caminhos teóricos e ferramentas metodológicas quando se realizam pesquisas com crianças. Ao facilitar a inserção

em contexto, a etnografia garante uma descrição densa dos processos que são observados e vividos pelo pesquisador, configurando-se como um “plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coletas reavaliadas, os instrumentos, reformulados, e os fundamentos teóricos repensados” (ANDRÉ, 1995, p. 30). É uma abordagem que “possibilita uma base de dados empírica, obtida por meio da imersão do pesquisador nas formas de vida do grupo” (CORSARO, 2009, p. 83).

O estar junto às crianças, as inquietações apresentadas nas conversas, os saberes construídos nos momentos de diálogos em relação à vida campesina, bem como os espaços das infâncias que legitimam a escola como uma instância social, permitiu que a pesquisa se desenvolvesse e se organizasse com um olhar mais acurado, anunciado por intermédio da voz e da vez das crianças neste contexto investigativo.

Realizaram-se dez visitas à Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Soares da Silveira no período de março a junho de 2014. Contou-se com a coautoria e a colaboração de treze crianças do quarto ano e da professora da turma. Nesta pesquisa, foi sumamente relevante a participação ativa das crianças em todo o processo e, para isso, realizaram-se observações, sem participação. Atentou-se para as brincadeiras que ocorriam durante o recreio, como: o jogo de futebol, o pega-pega, cavalinho, passa anel, caça ao tesouro e a construção de casinhas. O recreio, para as crianças, é um dos momentos mais aguardado: estar junto, brincar, conversar interagir entre si, configura-se, segundo o relato delas, como momentos de “privacidade”.

2. DISCUSSÕES E APONTAMENTOS

Nesta sessão, apresentar-se-ão dados coletados no período do recreio, como nas construções das casinhas. Esses dados coletados durante a pesquisa foram registrados por meio de algumas ferramentas metodológicas como: rodas de diálogo, diário de campo, fotografias, conversas, e escritas das crianças. A partir daí, teceram-se algumas reflexões e apontamentos de modo a finalizar a discussão por intermédio de conclusões ou considerações finais, mas com algumas sinalizações e argumentos embasados teoricamente, os quais sinalizam a relevância das brincadeiras e dos espaços de brincar como elementos potentes para pensar as infâncias na escola.

Destaca-se, principalmente, a construção de casinhas, constituída, segundo o relato de um grupo de crianças, pela demarcação de um território entre as árvores elaborado mediante a utilização de folhas e flores de plantas localizadas ao redor da escola. Conforme as observações no período do recreio, a brincadeira favorita das crianças era a construção dessas casinhas. Nelas, sempre havia um líder: uma das crianças possuía autonomia para trocar de lugar os objetos, os galhos e as pedras, além de para definir os papéis das demais crianças na organização do espaço. Percebeu-se, inclusive, que nesse espaço o/a líder tinha uma relação de autoridade e os outros membros de coadjuvantes, os quais tinham a função de realizar a limpeza, organizar e ficar atentos a uma possível invasão de outras crianças, pois apenas as crianças acolhidas pelo líder é que podiam fazer parte do grupo da casinha. Sendo assim, os vinte minutos de recreio eram destinados para a construção, organização e limpeza da casinha. Destacaram-se, inclusive, casinhas construídas unicamente por meninos. Nela também havia um líder, porém, sua autoridade se apresentava de maneira implícita, com a ausência de palavras de ordem; sua tarefa era a de demarcar e organizar esse espaço, bem como de mobilizar o grupo para conservar tal organização.

Conversando sobre a possibilidade de unir uma das casinhas das meninas com a dos meninos, justamente por já estarem próximas, a líder feminina revelou que não havia possibilidade de que isso ocorresse, pois, os meninos não sabiam “brincar”, eram “brutos e bagunçavam tudo”. Há separação entre os grupos, porém esse fato não se restringe à separação entre meninos e meninas. Percebeu-se que na casinha das meninas estava presente um grupo de quatro meninos com idade entre quatro e cinco anos. Quando questionada sobre a sua presença, a líder informou que esses meninos tinham permissão de permanecer na casinha por serem pequenos e não fazerem “bagunça”. Além de perceber essa distinção de casinhas, essa brincadeira era repetida em todos os recreios. Segundo Benjamim (1984, p. 74), trata-se da “lei de repetição”, isto é, não basta construir a casinha, o que fomenta essa brincadeira é repeti-la. A “essência do brincar” é sempre repetir, fazer de novo; a repetição traz a perfeição e a diversão. Como afirma Sarmiento, “o tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido (2004, p. 17)”.

Destaca-se, inclusive, que o ato de construir está fortemente

articulado à cultura pomerana. A cultura local da população pomerana, que reside na região da Serra dos Tapes, traz em sua identidade a construção de suas próprias residências, fato esse que retrata a intenção de criar vínculo com o espaço, reafirmando sua própria identidade e estabelecendo, dessa forma, um forte sentimento de pertencimento com a região. Cabe destacar que essa leitura de mundo que as crianças realizam de seus cotidianos, considerando que vivenciam a vida do campo, apresenta-se na (re)construção de seus contextos com a criação das casinhas. Trata-se dos costumes de construir, de demarcar espaço e de criar uma identidade com o espaço entrelaçado com a cultura local.

Neste momento do texto, apresentar-se-ão as crianças por descrições realizadas por elas próprias, pois se entende e considera-se relevante o processo de autoria e a participação ativa das crianças em todas as instâncias da pesquisa. Assim, realizou-se uma roda de diálogo com as crianças no pátio da escola sobre a possibilidade de escrita e da forma como cada uma delas se apresentaria na pesquisa. A pergunta que norteou a conversa e embasou o processo de escrita das crianças foi “Quem sou eu”? Foi discutido como gostariam de ser referenciados na pesquisa, ou seja, se seriam citados com outros nomes, por apelidos, números ou até mesmo sílabas. Após alguns olhares, risos, argumentos e inquietações entre as crianças, decidiram que seriam referenciados com os seus próprios nomes, pois, segundo Matheus: *“Eu quero o meu nome mesmo, aí todo mundo vai saber quem é a gente”*. Diante deste relato, apresentar-se-ão as descrições das treze crianças do quarto ano da escola Carlos Soares da Silveira.

Adriel. Eu sou o Adriel, trabalho no meio do fumo e sou do time gremista. Gosto de brincar na escola e sou feliz; sou brincalhão. Também trabalho na lavoura e ando de trator. Eu ajudo minha mãe e pai na roça; eu gosto muito de brincar e de cuidar do meu primo lá na minha avó.

Mateus. Eu sou bonito e alegre. Gosto de brincar com meu cachorrinho e com meu irmãozinho; e brincar de bicicleta e jogar bola.

Gustavo. Eu sou o Gustavo e tenho nove anos. Eu gosto de jogar bola. O nome do meu pai é Laércio e da minha mãe é Daiane. Eu estudo na escola Carlos Soares da Silveira. Sou amigo, alto e gosto de brincar com carrinho; de esconde-esconde e de andar de bicicleta. Eu torço para o time do grêmio. Gosto de comer bananas, maçã, melancia, laranja, bergamota e uva. E quero continuar estudando.

Andrine. Eu quero o meu nome. Gosto de jogar bola e de esconde-esconde. Meus pais são Nara e Lori. Eu me sinto alegre; eu tenho nove anos. Meu time é o grêmio. Eu sou média na altura, meu irmão se chama Andrei e meus avós são Valzira e Ervino. Eu amo meus amigos também. Brinco com os gatos e os cachorros; amo brincar com meus pais e eu gosto muito de brincar de escola em casa.

Alana. Eu gosto de brincar, de me divertir e ter amigos. Eu não gosto de brigar e falar palavrão. Eu sou uma menina que ajuda; eu tenho cabelo branco, olhos azuis e sou um pouco alta. Meus sentimentos são tristes e alegres. Eu me acho legal. Tenho dois irmãos. Meu pai se chama Luiz Fernando e minha mãe se chama Rosane; meu irmão mais velho se chama Luan e meu irmão mais novo se chama Ryan. Eu quero ser agricultora ou professora. Tenho nove anos. Gosto de brincar de esconde-esconde, de comer morango e minha cor favorita é verde.

Dienifer Romer Motta. Eu sou muito tímida, não uso óculos, gosto de brincar com meu maninho. Sou um pouco baixa. Eu não gosto quando meu pai vai pra casa dele, é que meu pai mora na cidade e eu não moro junto com ele; aí eu fico um pouco triste. Gosto de fazer amizade com minhas amigas e amigos. A primeira coisa quando eu chego em casa da escola é dar um abraço na minha mãe, na vovó e no meu irmãozinho. Os meus primos são um pouco chatos, eles brigam comigo e aí eu fico chateada. Eu gosto de jogar bola, é muito legal e divertido. Eu ajudo a minha mãe e minha avó a limpar. Nasci no dia vinte e um de março, tenho nove anos e sou um pouco gordinha. A cor do meu cabelo é marrom claro. Gosto de me pintar, não gosto quando a mãe chora, aí eu quase choro também.

Éric. Eu quero ser chamado do meu próprio nome, Éric. Eu sou um guri brincalhão, gosto de jogar futebol, brincar com meus amigos. Eu não gosto de brigar e nem gosto quando os meus amigos brigam comigo. Eu brinco de esconde-esconde, jogo bola, brinco de pega estátua. Em casa eu trato os animais, ando de trator, corto pasto, monto no cavalo e olho televisão. Estudo na escola que chama Carlos Soares da Silveira, que se localiza na Nova Gonçalves, 2º Distrito de Canguçu. Meu sentimento quando brigam comigo, eu fico magoado. Meu programa favorito é “Ai Carly” e “Bom dia e Companhia” e vários outros. Eu gosto de pescar. Tenho dez anos, meu pai é Célio e minha mãe é Ely. Tenho cabelo preto e pele escura.

Tiago. Eu sou pequeno, sou jogador de futebol. Eu sou engraçado, sou legal, amigo e alegre. Sou divertido, faço caretas, brincadeiras e eu gosto de jogar jogos. O nome do meu cachorro é Pitoco. Eu gosto de assistir futebol. Eu gosto do meu cachorro. Eu gosto de olhar filmes de aventuras do Mickey e de brincar com meu cachorro, ele sempre pula em mim; ele é muito divertido. Eu moro na minha casa, o nome da minha mãe é Nani e do meu pai é Airton. Eu gosto muito deles, eles são muito divertidos.

Lucas. Eu sou alguém que gosta de brincar de jogar futebol e de brincar de esconde-esconde. Eu gosto de desenhar e olhar televisão (meu canal favorito é o da Cultura, SBT e Globo). Meu jogo favorito é futebol e jogar jogos de luta. Eu sou meio bobo; eu gosto de ajudar minha mãe. *Meu personagem favorito* é o Mickey, Homem Aranha e Bob Esponja. Meu tipo de roupa é da cor branca. Eu também gosto de brincar com meu cachorro; eu gosto de colecionar figurinhas da Copa do Mundo. Meus melhores amigos são o Gustavo, Matheus, Tiago, Éric, Andrei; Alana, Adriel e o Mateus. E minhas amigas são Dienifer M., Andrine, Alana e Dienifer B. Minhas histórias favoritas são o Pinóquio, Aladim e Mickey. Minhas comidas favoritas são batatinha frita, feijão, arroz, churrasco e salsichão.

Andrei. Eu quero ser chamado pelo meu nome mesmo. Eu gosto muito de brincar, de sorrir. Eu ando de bicicleta com a minha irmã. Eu sou do Grêmio, eu gosto de jogar bola e brincar de esconde-esconde. Eu estudo na escola Carlos Soares da Silveira. Tenho cabelo moreno; eu tomo banho de noite e quando eu vou para a escola. Eu sou feliz, eu gosto de correr, de observar as pessoas e de ter amigos. Eu gosto de visitar as pessoas e eu gosto de brincar com meu cachorro. Isso é tudo sobre mim! Eu gosto de olhar filmes, novelas e desenho animado na minha televisão. E muito tempo atrás eu gostava muito de brincar de casinha como minha prima e com minha irmã.

Matheus. Eu sou um garoto de dez anos, gosto de vídeo games, tabuleiros e brincadeiras de rua. Às vezes, sou mimado, nem me pergunte! Quando meu time perde, eu fico só resmungando. Eu sou do Grêmio e meu personagem favorito é o Crash do meu programa favorito. Até que sou alto, mas, às vezes, me sinto gigante! Há, há, há! Minha comida favorita é um bife bem suculento. Eu nunca dispensei o carinho de meus pais, adoro eles. Eu faço o álbum da Copa e sou bem simpático, bom e quase nunca sou tímido. Quando eu crescer, quero ser um dentista, é o meu sonho; e no futebol meu ídolo é o Neymar Jr. Adoro os gibis da

turma da Mônica, mas, na verdade, meu ídolo é o Fred, bem ... é o Neymar e o Fred. E o nome do meu cachorrinho é Fredo. Eu sou amigo de todo mundo.

Felipe. Eu quero ser chamado pelo meu nome. Eu sou feliz, eu tenho nove anos. Eu sou amigo de todas as pessoas, eu gosto de brincar e de estudar.

Dianifer B. Eu sou uma criança bem legal, sou brincalhona, alta; a cor do meu cabelo é meio loiro. Meu pai é muito legal e minha mãe é bonita; meu avô e minha avó são bem *legal*. O meu time é o Grêmio. Eu tenho muitas amigas e gosto de jogar bola. Na minha casa, eu gosto de brincar da casinha e ir de visita na minha vizinha que é legal. A minha boia é carne, massa, feijão, batata e as minhas verduras são beterraba e cenoura. As frutas são: melancia e melão. Quando é verão, eu gosto de tomar banho, adoro o inverno porque gosto de tomar chimarrão. Quando eu acordo, o meu programa de televisão é as Chiquititas e o Meu Pedacinho de Chão. De tarde, eu gosto de dormir, eu acordo para brincar e aproveitar o dia. De noite, eu durmo na minha cama quentinha, eu tenho pesadelos. Eu tenho dez anos, faço aniversário dia vinte e nove de maio. Eu uso óculos, é bem legal pra mim.

Juntamente com as narrativas, coletaram-se dados por meio das Rodas de Diálogos, Conversas, Observações e Fotografias. Esses dados sinalizam a cultura produzida entre as crianças e as (re)interpretações que realizam em relação aos espaços de brincadeiras na escola, no período do recreio. Para contextualizar esta escola, far-se-á uma breve descrição da mesma. Primeiramente, cabe destacar que nela há cinco salas de aula, banheiros para as crianças e para os professores, refeitório, secretaria, sala de reuniões dos professores e um pátio. Este último caracteriza-se por árvores ao seu redor, flores e campo de futebol. Sendo assim, a escola não conta com muros, grades e portões. Essa constatação, de uma escola localizada em uma região campesina, sem demarcações de espaço, permite a sociabilização entre as crianças, propiciando o diferencial para este estudo; pois, ao analisar os espaços que as infâncias ocupam e transitam, vê-se que os espaços oferecidos permitem a construção de relações sociais, possibilitam a sociabilidade com o meio e com seus pares, além de instigar a autonomia. Por isso, essa Instituição Educativa proporciona às crianças a possibilidade de explorar o espaço no entorno da escola, bem como de interagir com o meio em que estão inseridas, propiciando autonomia. Segundo Barbosa, a escola necessita:

(...) criar espaços para a interlocução entre culturas infantis, familiares, de bairro, e também a competência para contribuir na produção de novas culturas, ou quem sabe de contraculturas, tendo assim uma maior possibilidade de propiciar condições de efetiva aprendizagem das crianças (2007, p. 1076).

Além da construção das casinhas, as crianças possuíam outro espaço de brincadeira: a “caverna”. Esta possuía o mesmo papel das casinhas: um lugar próprio das crianças, um espaço de brincadeira, de produção de cultura e de identidade. Nela, havia objetos, tais como bancos improvisados, e, também, a chave que a abria. Essa caverna, porém, possuía algo diferente se comparada às casinhas. Formava-se por árvores próximas que se entrelaçavam e constituíam, naturalmente, uma espécie de “casa”. Entre conversas, caminhadas ao redor da escola e fotografias, percebeu-se uma forte afeição das crianças pela caverna. Esta, mesmo não sendo construída por elas, também desempenhava o papel da casinha, visto que, em seus relatos, revelaram o quanto era prazeroso e divertido possuir um lugar “só nosso”.

A seguir, apresentar-se-ão alguns relatos das crianças em relação à caverna; além das tensões e conflitos que surgiram entre as crianças e a escola, justamente por utilizarem esse espaço para brincar. Ao realizar a escrita das descrições, o Matheus, previamente apresentado nos relatos anteriores, lançou uma questão, provocando espanto a quem ouvia: “tua sabias que desmancharam a caverna?” Ao ser questionado sobre o motivo, o menino respondeu que a diretora estava receosa com prováveis aparecimentos de animais, como cobras. Assim, as crianças foram questionadas sobre a importância da caverna nas brincadeiras da turma e iniciou-se uma roda de diálogo, na qual todos argumentaram e problematizaram a questão. Nessa direção, apresentar-se-ão as falas das crianças que discorrem sobre esse assunto.

“Lá tinha bastante sombra, podia trancar, era um espaço livre. Era um lugar de reunião” (Lucas)

“Tinha privacidade. A gente adorava ficar lá dentro. Aumentava a imaginação porque era uma casa de verdade!” (Andrei)

“A gente gostava daquele lugar, tinha muita sombra”. (Alana)

“Tinha várias brincadeiras para fazer lá. Tinha uma porta de brincadeira”. (Andrine)

“Era bem legal. A gente também conversava ali. Era um cantinho só nosso. Era bom de brincar, tinha um cipó que fazia sombra!”. (Dienifer)

“Tinha bastantes amigos juntos. Todo mundo era junto. Se um queria uma coisa todos queriam. Não tinha briga”. (Éric)

Com essas justificativas em relação à relevância da caverna nas brincadeiras da turma, Lucas disse: “Vamos fazer um protesto, uma greve. Vai ser assim: queremos nossa caverna de volta!”. Após essa iniciativa, outras crianças iniciaram uma mobilização em relação a um possível diálogo com a diretora. Propôs-se à turma que escrevessem uma carta, ou marcassem um encontro com a diretora e explicassem a importância desse espaço nas brincadeiras da turma. Decidiram, então, que fariam cartazes e também uma carta. Foram escolhidos três representantes da turma para escrever a carta e conversar com a diretora. O título escolhido foi: “A rebelião, queremos nossa caverna”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar a relevância dos espaços das infâncias, das brincadeiras na escola. A brincadeira, considerada, algumas vezes, como algo espontâneo, ativo e desinteressado, configura-se como característica da cultura e do momento histórico vivenciado (BUJES, 2004). Retomando esse conflito entre as crianças e a escola em relação à caverna, em outro momento de observação e de conversa verificou-se que haviam desistido da reivindicação, pois a caverna encontrava-se imprópria para a brincadeira, uma vez que galhos e cipós que se uniam e a constituíam estavam “destruídos”.

Entre observações, conversas e diálogos, as crianças haviam se apropriado, naquele momento, do campo de futebol; já que os jogos da Copa estavam influenciando fortemente as brincadeiras na escola. Observando um dos jogos de futebol, percebeu-se a ocorrência de uma (re)interpretação desse esporte. O jogo de futebol contava com a quantidade de crianças presentes da turma e um juiz amparado com apito e três cartões: o verde (representa a bola na mão; o amarelo (dois amarelos pode significar expulsão e um sinaliza falta com machucados) e o vermelho (expulsão de até três minutos). Neste jogo, todos participam, as meninas e os meninos. Segundo relatos sobre as brincadeiras que ocorriam na caverna e inclusive sobre o jogo de futebol, percebe-se que o

espaço da brincadeira é recriado e reinterpretado conforme a necessidade e o interesse das crianças. A esse respeito, Lucas disse: “Sabe o que é, como não tem mais a caverna, agora a gente começou a jogar bola. O melhor lugar agora é o campo de futebol”.

Constata-se que a “cultura lúdica” das crianças constitui-se com a brincadeira, brincando, bem como com outras experiências lúdicas, na interação com outros grupos de crianças e na manipulação de objetos, que, neste caso, são a bola, o apito e os cartões de advertência (FANTIN, 2000, p. 06).

Para tanto, estar junto às crianças e compreender como se organizam enquanto categoria social, permitiu entender que os espaços das infâncias presentes na escola anunciam a necessidade de repensar as ações pedagógicas, bem como a organização da escola enquanto espaço social e cultural. Percebe-se que as brincadeiras trouxeram a cultura, os hábitos e os valores vivenciados no cotidiano pela população pomerana dessa região. Entretanto, destaca-se a potência das crianças em reorganizar, reconstruir e reinventar os espaços que a escola oferece para a realização das brincadeiras.

As brincadeiras estão articuladas à história e à cultura de um grupo, mas expressam também os interesses e as necessidades das crianças. Brincar traz o vivido, a diversão, a experiência de um determinado cotidiano, porém também expressa a potência das crianças enquanto agentes sociais ativos produtores de cultura. Um dos conceitos que aponta elementos relevantes para compreender as culturas das crianças é o termo “reprodução interpretativa” que, conforme Corsaro,

[...] encara a integração das crianças em suas culturas como reprodutiva, em vez de linear. De acordo com essa visão reprodutiva, as crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo em torno delas. Elas se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela. Na tentativa de atribuir sentido ao mundo adulto, as crianças passam a produzir coletivamente seus próprios mundos e culturas de pares (2011, p. 36).

Esse conceito permite compreender as crianças como agentes potentes, criativos e transformadores do contexto social em que estão inseridos. A “reprodução interpretativa” não se dá de forma linear, mas em forma de “teia global”. A noção de “teia global”, conceito cunhado por Corsaro, contribui para as minhas reflexões,

pois se configura como “um modelo que inclui a reprodução interpretativa como uma espiral em que as crianças produzem e participam de uma série de culturas de pares incorporadas” (CORSARO, 2011, p. 37).

Estar com as crianças, conversar e interagir com o grupo, compreender o que pensam, o que fazem e suas ações nesses espaços permitiu compreendê-las como colaboradoras e coautoras do processo investigativo de maneira que contribuíram em todas as instâncias da pesquisa desde a organização e o desenvolvimento até os processos de finalização investigativa. Nesse sentido, investigar de forma colaborativa com as crianças os espaços que transitam e ocupam no espaço do recreio retratou, por meio dos dados, a sua presença como atores sociais que agem, recriam e transformam o meio social em que estão inseridos. Como afirma Sarmiento, “entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério” (2004, p. 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARBOSA, M. C. S. Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas familiares: As socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. IN: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1059-1083, out de 2007.
- BENJAMIN, V. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BUJES, M. I. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In.: **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Org. Marisa Vorraber Costa; Alfredo Veiga Neto. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FANTIN, M. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Mônica Fantin. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação Interpretativa com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 2003.
- WEIDUSCHADT, P; THIES, V G e THUM, C. Cultura Rural em Diálogo: experiências com Educação e Memória. In: **I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da região Sul do RS: Campo e Cidade**

em busca de Caminhos Comuns, 2012, Pelotas. **Anais do I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns.** Pelotas: Editora da UFPel, 2012. v. 1. p. 1-14.

WÜRDIG, R. C. **Recreio**: os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, v.16, n.32, p. 90-105, jul./dez. 2010.

SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª. Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação.** Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

